

Paróquia de Canidelo - Escola da Fé - 2019/2020

1º Encontro - 18 outubro 2019

Introdução geral ao Novo Testamento

1. Eis-nos chegados ao **último dos três anos dedicados à Sagrada Escritura**, na nossa Escola da Fé. Após uma introdução geral à Sagrada Escritura (2017/18), dedicámos 2018/19 ao Antigo Testamento, chegando agora (2019/20) aos textos que nos são mais familiares, mas que queremos conhecer melhor: o **Novo Testamento (NT)**.
2. Já em 2017/18 falámos do NT (Encontro 7; abril 2018), lembrando os 27 *Livros* que o constituem: 4 Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Cartas de São Paulo, Carta aos Hebreus, *Cartas Católicas* (Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Carta de Judas) e Apocalipse. Deixámo-nos então guiar pelo capítulo V da "Dei Verbum", documento do Vaticano II sobre a Revelação Divina, que sublinha a importância especial dos Evangelhos, a sua origem apostólica e a sua *historicidade*. Abordaremos agora outros aspetos, ligados à **história da formação dos textos** e ao **ambiente político-religioso** em que surgiram.
3. Todos os textos do NT foram **escritos em grego** e adquiriram a forma que conhecemos num **longo e complexo processo** que durou dezenas de anos. A lista ("Cânone") dos textos oficialmente reconhecidos como fidedignos, foi-se formando gradualmente. Só aos poucos surgiu a percepção de que havia lugar para falar de novas Escrituras Sacras. Para os cristãos da primeira geração, a Sagrada Escritura era "a Lei e os Profetas" (= o que nós chamamos *Antigo Testamento*). Para além disso, era claro que o Senhor Jesus, segundo o testemunho dos Apóstolos, constituía norma de fé e de vida.
4. Durante **muito tempo prevaleceu a transmissão oral** do mistério e vida de Jesus e das suas palavras. Com a morte dos Apóstolos, sentiu-se a necessidade de pôr por escrito o seu ensinamento, recolhendo e preservando os textos que tinham surgido: Cartas de São Paulo, coletâneas de palavras de Jesus e da sua ação, narrativas da Paixão e das manifestações do Ressuscitado, Atos dos apóstolos, outros textos "apostólicos".
5. A partir de meados do séc. II, abre-se um período decisivo para o estabelecimento do **"Cânone" dos Livros considerados inspirados**. Há que salvaguardar a pureza da fé e da tradição apostólica de escritos semelhantes mas cujo conteúdo constituía uma imitação grosseira, quando não pura fantasia. É o caso dos **Livros chamados "apócrifos"**, que revelam por vezes interesse comparativo, mas não são oficialmente reconhecidos.
6. O **texto** dos 27 Livros do NT chegou até nós através de um grande número de manuscritos, não só **inúmeras cópias dos originais gregos**, mas também traduções noutras línguas (a começar pelo sírio e copta), logo dos primeiros séculos. Dois os manuscritos mais preciosos: o *Codex Vaticanus* e o *Codex Sinaiticus*, em pergaminho, conservados respectivamente no Vaticano e em Londres (mas proveniente do Mosteiro de Santa Catarina, do Monte Sinai). Inúmeras as variantes. Desde meados do século XIX, fizeram-se importantes progressos na fixação mais rigorosa dos textos bíblicos.

7. O **ambiente histórico-geográfico** do Novo Testamento é **greco-romano**. Em 63 AC, a Palestina caiu sob o domínio de Roma, diretamente influenciada pela cultura helenista, difundida por todo o Império Romano (50 milhões de pessoas, múltiplos povos, religiões e culturas). Este pluralismo cultural e religioso facilitou, de algum modo, a expansão do cristianismo, que não tardou em adaptar as suas origens semitas à cultura dominante. Decisiva, nesse sentido, a posição de Paulo (cf Atos 15, *Concílio de Jerusalém*).
8. Politicamente, as autoridades da Palestina - **Reis locais ou Procuradores romanos** - dependiam do Imperador de Roma. Pilatos foi o Procurador mais famoso (27-37 DC), por ter participado ativamente no processo e na morte de Jesus. A partir de 66 DC, acentuou-se a revolta contra o poder romano, severamente punida com a destruição de Jerusalém e do Templo. Praticamente desapareceu a classe sacerdotal (Saduceus), que era a mais forte, politicamente. A partir do ano 70, são suprimidos os principados locais e a Palestina passa a ser administrada diretamente por Roma.
9. Economicamente, a Palestina, pequeno território junto do deserto, pouco contava na economia do Império. Vivia da **agricultura** mediterrânica (trigo, cevada, figueira, oliveira, videira) e do **pastoreio** de gado miúdo (ovelhas e cabras). A **pequena indústria** e o **comércio** também ocupavam um lugar de destaque na vida quotidiana do povo.
10. Religiosamente, fervilhavam pelo Império muitas religiões e cultos pagãos, com relativa liberdade de culto e de proselitismo. Na Palestina, em tempos normais, era o **Templo de Jerusalém** que concentrava as principais instituições judaicas. Era o centro religioso, o lugar de Deus, do sacerdócio, das festas nacionais. Todos pagavam um imposto para o Templo, o que o transformava no centro também económico do povo de Deus. Depois do Templo, a instituição religiosa mais importante era a **Sinagoga**, frequentada aos Sábados pelos judeus praticantes. Aí se proclamava e comentava a Palavra de Deus. Especialmente importante nas comunidades da Diáspora.
11. Os mais importantes grupos religiosos eram os Fariseus, os Doutores da Lei (Escribas) e os Saduceus. Os **Fariseus**, classe média e baixa, eram especialmente devotos e cumpridores fiéis da Lei de Moisés. Frequentavam a Sinagoga. Os **Doutores da Lei**, ligados aos fariseus, eram os teólogos, que liam e interpretavam as Escrituras. Os **Saduceus** constituíam desde o séc. II AC um partido político. Eram a classe mais ligada ao Templo e presidiam ao Sinédrio, mediante o Sumo Sacerdote. Eram assistidos pelos **Levitas**, encarregados do canto litúrgico e dos sacrifícios.
12. De referir ainda os **Samaritanos**, os Zelotas e os Herodianos. Os habitantes da Samaria, descendentes de uma população mista (israelita e pagã), que ocupou aquele território após o exílio para Ninive (711 AC) tinham um Templo no monte Garizim. Os Judeus rejeitavam-nos como pagãos. Os **Zelotas** eram independentistas e lutavam contra a ocupação estrangeira, provocando confrontos e atentados contra o exército romano. Os **Herodianos** apoiavam Herodes o Grande, que dominou os diversos territórios da Palestina a partir de 37 AC, sob a autoridade dos Imperadores romanos.